



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

O SIM É POSITIVO

Marcos Roberto Inhauser

Estamos às voltas plebiscito, onde a vontade popular será consultada sobre a proibição ou não da venda de armas e munição. Isto é novidade por ser a primeira nação do mundo a fazê-lo.

Há interesses econômicos por trás da decisão, pois a proibição implicará em prejuízos para os que da fabricação e comércio vivem. Se o argumento é econômico, ele tem lá sua validade, como em outras vezes, como, por exemplo, o jogo do bicho, tolerado pelo problema social que criaria com tantos que ficarão “desempregados” com a proibição.

Ocorre que na questão das armas o problema de fundo é o direito à vida e a diminuição da violência. Há inúmeras histórias a comprovar as tragédias causadas pelo manejo de armas por pessoas amadoras e pela posse domiciliar delas. Quantos pais e mães choram a morte de seus filhos por um tiro acidental, por uma brincadeira de mau-gosto? Quantos casos de violência juvenil porque um filho, sabendo onde o pai escondia uma arma, a tomou para vingar uma brincadeira que o irritou, por ciúmes, ou por desavenças?

O argumento central da campanha do “não” é o direito de se ter uma arma. Ocorre que o direito do meu vizinho de ter uma arma pode ser uma arma contra mim, porque ninguém me garante que ele não fará uso inadequado dela, se amanhã ou depois, houver uma desavença entre eu e ele. O direito de poder carregar uma arma no carro pode se transformar em um atentado à minha vida se, por descuido, inabilidade, ou qualquer outro motivo, eu o fechar ou bater em seu carro. Tenho o direito de viver em sossego e não sobressaltado com a possibilidade de ter alguém me apontando uma arma para resolver um problema de vizinhança, de trânsito ou outro qualquer.

Está mais que provado que uma pessoa que tem uma arma se sente superior, poderoso e faz questão de exibir esta sua condição. Gosta de falar grosso, de entornar o caldo, de chutar o pau-da-barraca, porque tem um berro à mão. Prefiro que as relações humanas se deem em um nível de diálogo, negociação, de arbitragem quando se fizer necessário, mas nunca gostaria de ver uma questão resolvida porque alguém me apontou uma arma. Quando se trata de bandido, não há diálogo nem com um berro na mão. E ter uma arma é probabilidade alta de que vence quem tem melhor manejo dela: o bandido.